

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

LUCIANA CASTRO CAVALCANTI

**O COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO EM TEMPOS DE FAKE NEWS: UM
ESTUDO COM ALUNOS CONCLUINTEs DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA
UFPB**

JOÃO PESSOA
2020

LUCIANA CASTRO CAVALCANTI

O COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO EM TEMPOS DE FAKE NEWS: UM ESTUDO COM ALUNOS CONCLUINTEs DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPB

Monografia apresentada a Coordenação do curso de graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharela.

Orientadora: Profa. Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376c Cavalcanti, Luciana Castro.

O compartilhamento de informação em tempos de fake news: um estudo com alunos concluintes do curso de Biblioteconomia da UFPB / Luciana Castro Cavalcanti. - João Pessoa, 2022.

41 f. : il.

Orientação: Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Fake news. 2. Biblioteconomia. 3. Competência informacional. I. Nascimento, Geysa Flávia Câmara de Lima. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 02

LUCIANA CASTRO CAVALCANTI

**O COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO EM TEMPOS DE FAKE
NEWS: UM ESTUDO COM ALUNOS CONCLUINTES DO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA DA UFPB**

Monografia apresentada a Coordenação do curso de graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharela.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento
(Orientadora - UFPB)

Profa. Dra. Bernardina Juvenal Freire de Oliveira
(Examinadora Interna - UFPB)



Profa. Dra. Ana Cláudia Cruz Córdula
(Examinadora Interna - UFPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que foi minha maior força nos momentos de angústia e desespero, sem Ele, nada disso seria possível. Obrigada, senhor, por colocar esperança, amor e fé no meu coração desde o primeiro momento em que fui abençoada ao ser aprovada no vestibular, e por sempre me acompanhar e nunca ter soltado a minha mão que foi fundamental para que eu não desistisse. A minha mãe Conceição que sempre esteve ao meu lado e sempre foi uma guerreira em meio todas dificuldades e percalços em meio a vida, ao meu pai Joaquim Modesto (In Memoriam) que batalhou para proporcionar e dar o melhor aos filhos, e que estaria imensamente feliz se aqui estivesse.

Agradeço aos meus queridos mestres que se dedicaram a ensinar e compartilhar todo o seu conhecimento. Um agradecimento especial a professora Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento que fez toda a diferença na orientação da minha monografia as professoras da banca, professora Bernardina Juvenal Freire de Oliveira, e a professora Ana Cláudia Cruz Córdula. Sou grato a todo corpo docente, à direção e administração dessa instituição pelo apoio e compreensão nos últimos quatro anos, e que fizeram toda a diferença na minha formação. Não posso deixar de agradecer aqueles que abriram as portas do seu espaço para me ajudar, toda equipe da Biblioteca Central pelos ensinamentos em especial meus chefes de estágio Carlos Augusto Rolim da Silva Júnior e Jerusalém Lima por toda paciência e carinho.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso, especialmente a minha amiga Joana Ferreira de Araújo cuja ajuda foi imprescindível e providencial quando mais precisei ela esteve ao meu lado, aos meus amigos de grupo de trabalho Adryan Wagner e Danilo Gabriel que me fizeram "infartar" na formulação dos trabalhos acadêmicos, porém no final dava tudo certo. A Universidade Federal da Paraíba que me deu a oportunidade de cursar biblioteconomia nesta renomada instituição, obrigada por proporcionar um ambiente saudável para todos os alunos, além de estimular a criatividade, a interação e a participação nas atividades acadêmicas.

E aos meus meninos (gatinhos) que sempre se fizeram presente em todos os momentos, fossem eles tristes ou alegres sempre tinha um deles perto pra dar o aconchego esperado, em especial meu Pandinha (In Memoriam) e Valentim por todas as vezes que eu tive de tirá-los de cima do notebook para poder finalizar esse trabalho de conclusão do curso, minha eterna gratidão a todos por tanto nessa jornada.

A era da pós-verdade revela que a maioria das pessoas ainda não consegue distinguir uma informação falsa de uma verdadeira, e diante deste cenário existe o profissional da informação que além de poder auxiliar os usuários, precisa continuar aprendendo e adquirindo novas competências profissionais (SILVA; TANUS, 2019, p. 78).

RESUMO

Este presente trabalho tem por finalidade investigar o comportamento dos alunos concluintes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, no período 2019.2, ao compartilhar informações na era das fake News, através das mídias sociais. Para tanto, foi utilizada, como metodologia, um estudo de caso de abordagem qualitativa, sob classificação proposta por Gil (2017) sendo uma pesquisa básica, aplicada e exploratória. O instrumento de coleta de dados e análise foi através de questionário on-line com os concluintes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, no período 2019.2. Constatou-se que os respondentes são suscetíveis a disseminação de desinformações, e percebe-se ainda ser um desafio constante estabelecer a checagem dos fatos diante do grande acúmulo de informações propagadas nas mídias sociais digitais constantemente. Conclui-se que os futuros bibliotecários podem utilizar sua competência informacional para ajudar a evitar o compartilhamento de informações incorretas, orientando os usuários.

Palavras-chave: Fake News. Biblioteconomia. Competência Informacional.

ABSTRACT

This present academic work aims to investigate the behavior of students concluding the Librarianship course at the Federal University of Paraíba, in the period 2019.2, when sharing information in the era of fake news, through social media. For this purpose, a case study with a qualitative approach was done as the methodology, under the classification proposed by Gil (2017), as basic, applied, and exploratory research. The instrument for data collection and analysis was through online conversations with graduates of the Librarianship course at the Federal University of Paraíba, in the period 2019.2. It was found that respondents are feeling the spread of misinformation, and it is still a constant challenge to establish fact-checking in the face of the large accumulation of information constantly propagated in digital social media. It was concluded that future librarians can use their informational competence to help avoid sharing incorrect information, guiding users.

Keywords: Fake News. Librarianship. Information Literacy.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Costuma receber informações via mídias sociais	31
Gráfico 2 – Costuma compartilhar informações via mídias sociais	86
Gráfico 3 – Já ouviu falar sobre fake news.....	88
Gráfico 4 – Já recebeu fake news	89
Gráfico 5 – Já compartilhou uma informação falsa	91
Gráfico 6 – Costuma verificar as fontes antes de compartilhar	92
Gráfico 7 – Atribuição de importância em verificar a fonte antes de compartilhar	93
Gráfico 8 – Aspectos observados para verificar a veracidade da informação	95

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1	A RELAÇÃO ENTRE A INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	23
2.2	AS TDICS E O COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO	34
2.3	FAKE NEWS E A ERA DA PÓS VERDADE	36
2.4	O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO COMBATE ÀS FAKE NEWS	41
2.4.1	Competência informacional	44
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	77
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	77
3.2	CAMPO DA PESQUISA	78
3.3	SUJEITOS DA PESQUISA	80
3.4	INSTRUMENTOS DA PESQUISA	82
3.5	ETAPAS DA PESQUISA	83
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	85
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
	REFERÊNCIAS	124
	APÊNDICE A – Questionário aplicado	138

1 INTRODUÇÃO

Contextualização;

Questão norteadora (problematização);

Objetivo (Geral, Específicos);

Justificativa (Pessoal, social e científica);

Como o trabalho está organizado (seções).

QUESTÃO NORTEADORA

Como os alunos concluintes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, no período 2019.2 compartilham informações na era das Fake News?

OBJETIVO GERAL

Investigar o comportamento dos alunos concluintes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, no período 2019.2, ao compartilhar informações na era das fake News, através das mídias sociais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Caracterizar o cenário de compartilhamento de fake News;
- b) Identificar como ocorre o compartilhamento de informações realizado pelos alunos concluintes do curso de Biblioteconomia, período letivo 2019.2, da Universidade Federal da Paraíba.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção apresenta o levantamento bibliográfico realizado para fundamentar as teorias e conceitos necessários para a compreensão da temática abordada nesta pesquisa. Com isso, seguem as discussões a respeito do conceito de informação, em especial na área de Ciência da Informação (CI) e sua relação com a comunicação; o impacto das TDICS no compartilhamento de informações; o que são, como identificar e evitar a propagação de *fake news* na era da pós verdade; elucidação do papel do profissional bibliotecário quanto ao enfrentamento às *fake news*, bem como o desenvolvimento e instrução à competência informacional dos indivíduos.

2.1 A RELAÇÃO ENTRE A INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A informação, desde os primórdios tem sua importância, principalmente, na história humanidade, uma vez que desempenha um papel importante quando observado o processo de comunicação humana. Através dela pode-se adquirir e compartilhar conhecimento, multiplicando saberes. Discutir sua definição e características singulares é, portanto, imprescindível, ainda que, em contraponto, existem divergências entre as correntes que se propõem ao estudo da informação e que atribuem abordagens diversas. Por conseguinte, a falta de um consenso entre áreas e até mesmo pesquisadores, torna a discussão a respeito do que é informação ainda mais delicado.

A palavra informação nunca foi de fácil definição, mas seu uso torna-se indispensável em nosso dia a dia. Lancaster (1989, p. 1) afirma que

Informação é uma palavra usada com frequência no linguajar cotidiano e a maior parte das pessoas que a usam pensam que sabem o que ela significa. No entanto, é extremamente difícil definir informação, e até mesmo obter consenso sobre como deveria ser definida. O fato é, naturalmente, que informação significa coisas diferentes para pessoas diferentes.

O termo “informação” carrega diversos significados, analisados por diversos autores dentro da Ciência da Informação. Todos os campos do conhecimento

alimentam-se de informação, mas poucos são aqueles que a possuem enquanto objeto de estudo, como é o caso da CI (CAPURRO; HJØRLAND, 2007).

A informação está ligada à comunicação, para dar representação ao conhecimento, a CI apresenta-se como uma ciência jovem surgindo para fomentar, juntamente com seu objeto de estudo que tem a informação como principal função de disseminar, compartilhar as demandas informacionais, em conjunto as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Antes da definição de informação, deve-se buscar esclarecer e fundamentar o papel e a natureza das teorias na CI, eventualmente dando maior atenção a conceitos como signos, textos e conhecimento, considerando também o uso do termo informação nas áreas de pesquisa de recuperação da informação, sistemas de informação e serviços de informação, por exemplo, sem se esquecer de que a informação é aquilo que é informativo para uma dada pessoa, o que é condicionado pela comunidade à qual a pessoa pertence, suas capacidades individuais e suas necessidades interpretativas (CAPURRO; HJØRLAND, 2007).

Ao analisar o termo informação em CI, tem-se a compreensão de que consiste em tudo aquilo que o homem absorve, um fenômeno puramente de recepção humana. Nesta perspectiva, uma parcela do conhecimento quando materializada passa a ser considerado um artefato de transmissão. Sendo assim ao atribuímos um significado a algo, está representando e gerando informação de alguma maneira, de forma que lhe são apresentadas, para um determinado fim ou não. A informação, quando passa a ser material ou materialidade, precisa existir, ser percebida afetando nossos sentidos, produzindo significado, pois aquilo que não produz sentido não é informação. Segundo Azevedo Netto (2002, p. 11).

No que tange à informação, esta merece algumas considerações, que podem fugir ao consenso da área, já que se trata de amplas reflexões sobre esta questão. Considerando a informação como produto socialmente aceita e disseminado, com um caráter de “artefato”, a presença humana em qualquer etapa do processo informacional é imprescindível. Daí conclui-se que este é um fenômeno eminentemente humano, ligado às esferas socioculturais, sendo que fora dela a informação não existe. Tal afirmação contradiz a teoria clássica da informação, segundo a qual até mesmo o processo de troca de bites entre máquinas é visto como uma forma de troca de informação, quando o que ocorre é uma mera troca de sinais, que podem se tornar ou não informação se for interpretados como tal.

Para os efeitos desta pesquisa adota-se o termo “informação” conforme o proposto em Azevedo Netto (2002), um fenômeno explicitamente humano que está direta e intrinsecamente relacionado a uma estruturação sociocultural, compartilhado entre os indivíduos conforme aquilo que lhes é interpretado e constituído. Essa assimilação encontra-se, ainda, em consonância aos pensamentos de Brookes (1980) e Pacheco (1995), ao assumirem que a informação parte de uma construção social, na qual a sociedade cria, usa e aplica, em contextos sociais bem definidos, podendo, ainda, ser (re) contextualizada (AZEVEDO NETTO, 2002).

Se a informação é um artefato ela foi criada num tempo, espaço e forma específica, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretado o contexto de sua geração. Informação não é, na verdade, um conceito único, singular, mas, sim, uma série de conceitos conectados por relações complexas (PACHECO, 1995, p. 21).

Escarpit (1990) *apud* Le Coadic (1996, p. 13) afirma que “a comunicação é um ato, um processo, um mecanismo, e que a informação, é um produto, uma substância, uma matéria”. Ressalta-se que para a informação, quando associada a comunicação, o mais importante não é a quantidade de informação emitida, e sim a qualidade de transmissão, absorção e armazenamento, a fim de atingir determinada precisão.

A comunicação se apresenta como um elemento fundamental para que se concretize o compartilhamento dessa informação. Nesta seara, cabe uma breve discussão a respeito do significado de signo e sinal, bem como a relação informação-comunicação.

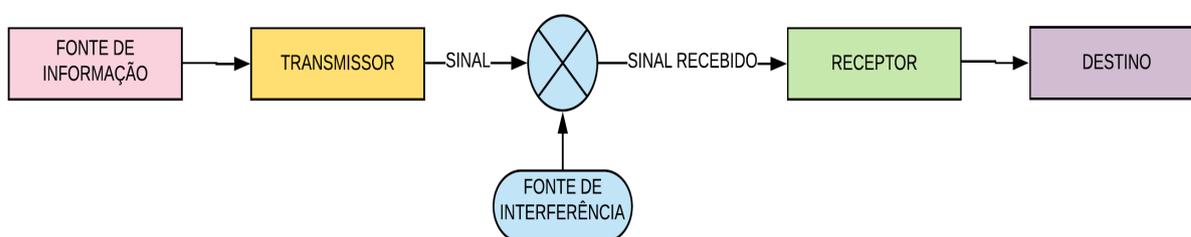
Azevedo Netto (2002) reitera a diferença entre os significados de sinal e signo, comumente confundidos. Apesar de estarem relacionados, apresentam definições distintas. Segundo o autor

Para discutir o que se entende por signo, em primeiro lugar, deve-se atentar para a sua diferença do conceito de sinal, como duas entidades distintas, embora interligadas. Por sinal, entende-se qualquer forma gráfica, sonora, geológica, astronômica etc. de assinalação, sem que para tal incorra qualquer relação com uma possível construção de significado (AZEVEDO NETTO, 2002, p.3).

Nesta perspectiva, pode-se definir sinal enquanto algo que existe e não necessariamente está relacionado a qualquer atribuição de significado. O autor supracitado relaciona os sinais aos estímulos, compreendendo-os como eventos não intencionais, quer seja de origem humana, quer seja de origem não humana e que ocorrem sem quaisquer intervenções, ou processos de convencionalização de significados, característica que os difere dos signos. Para que o signo exista e seja reconhecido, é preciso que haja ao menos a compreensão de que um significado pode ser atribuído/construído. Isto ocorre porque uma das entidades que compõem o signo é o “interpretante”, dotado da capacidade de atribuir significado, reproduzi-lo e redefini-lo, em constante semiose, capaz, portanto, de criar novos signos. Ressalta-se, ainda, a relação triádica do signo em relação ao “objeto”-“veículo”-“interpretante” (AZEVEDO NETTO, 2002).

No que diz respeito ao processo de comunicação e sua relação com a informação, destacam-se as contribuições dos pesquisadores Shannon e Weaver, ao apresentarem um dos modelos de comunicação mais influentes (Figura 1).

Figura 1 – Modelo de comunicação proposto por Shannon e Weaver



Fonte: Elaborado pela autora (2020) com base em Shannon e Weaver (1962)

O modelo proposto por Shannon e Weaver (1962), apesar de simples, retrata com bom índice de exatidão as instâncias em que ocorrem o processo de comunicação e pelos quais perpassam as informações. Segundo os autores, o processo tem início com uma fonte de informação, em seguida um transmissor envia a mensagem/informação através de recursos e sinais (sonoros, visuais, dentre outros). O sinal é então recebido pelo receptor da informação, este, por sua vez, destina-lhe um entendimento, ação ou aplicação. Nesse entremeio estão os ruídos, em outras palavras, algo que pode interferir o entendimento da informação que fora transmitida.

Há uma constante preocupação para que a informação seja transmitida com a menor taxa dos chamados ruídos, ou seja, de erros. Trata-se também dos tipos de mensagem. Os códigos e símbolos se apresentam preestabelecidos a destinar, representar e transmitir uma mensagem de alguma fonte ao seu ponto de destino. Entretanto a informação vem mostrando como a comunicação está vinculada a mesma, e que o mais importante não é a quantidade de informação emitida, e sim a qualidade de como é passada, absorvida, armazenada e compartilhada, sempre em busca de uma precisão.

Foi diante de inúmeros tipos de informação, que identificamos vários meios e formas de compartilhamento de informação e comunicação como: o jornalismo, o livreiro, cinema, rádio, televisão, mas nenhum tipo de comunicação é infalível.

Tendo em vista a “Era da Informação” no contexto atual, é preciso aprimorar nossa capacidade de processar e determinar sobre os conteúdos recebidos e repassados. Zeman (1970) *apud* Messias (2005) afirma que a informação não é um fenômeno característico apenas sobre quantificação, tampouco um termo exclusivamente matemático. Ela não pode ser abordada somente do ponto de vista da medida de organização, ou outras medidas, mas, principalmente, sob a ótica da organização em si, enquanto processo resultante de fatores de ordens diversas (social, cultural, moral, ético, etc.).

Sabendo que não há consenso sobre o que é informação, assim como não há consenso sobre os conteúdos que devem ser ensinados para os novos ingressantes do campo, diversos autores direcionam suas experiências interdisciplinares da área da CI, bem como ainda discutem o conceito de informação. Analisando todos os usos e contextos do termo informação, Belkin e outros pesquisadores desenvolveram um conceito cognitivo para o termo “informação”, popularmente disseminado após um Congresso desenvolvido na cidade de Copenhagen, em 1977 (ARAÚJO, 2010).

Buscou-se uma noção básica contida no termo e chegaram à conclusão de que a única noção básica comum à maioria ou a todos os usos da informação é a ideia de estruturas sendo alteradas, propondo, então, a seguinte definição: informação é o que é capaz de transformar estrutura. Se informação é tudo aquilo que altera, transforma estruturas, então

“[...] a informação é a mais poderosa força de transformação do homem, [...] poder da informação, aliado aos modernos meios de comunicação de massa, tem capacidade ilimitada de transformar culturalmente o homem, a sociedade e a própria humanidade como um todo”. (ARAÚJO, 1994. p.84).

Pode-se observar que ocorreram transformações profundas, que afetaram significativamente a forma como pensamos e agimos sobre as questões relacionadas à informação, mostrando o surgimento de novas ferramentas tecnológicas de compartilhamento da informação, a exemplo das redes sociais, jornais online, serviços *streaming*, entre outros. Estas características apontam para o contexto de uma nova era, dentro do âmbito digital.

2.2 AS TDICS E O COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO

Nos dias atuais impressiona a quantidade de informações disponíveis em ambiente online e nos meios de comunicação, trazendo consigo, em plena era digital a explosão informacional “em que a informação se prolifera e circula em uma quantidade e velocidade vultosas.” (BRISOLA; ROMEIRO, 2018, p. 3).

O compartilhamento da informação e do conhecimento é essencial para a construção de novos saberes e, com a chegada da internet e o desenvolvimento crescente dos aparatos tecnológicos, o acesso à informação ficou mais democrático.

A comunicação, de forma geral, alcançou novos níveis, ocorrendo de forma mais dinâmica, rápida e, comumente, mais remota, principalmente para quem têm em mãos as Redes Sociais Digitais (RSD) (LARANGEIRA; CARDOSO; KUMM, 2016). Estas possibilidades diminuíram distâncias e otimizaram o processo de comunicação e/ou compartilhamento de informações.

Por outro lado, isso vem resultando em questionamentos, e a perda do controle do que é produzido já que a internet é um terreno fértil, no qual ocorrem várias formas de interação e ação coletivas viabilizando a conectividade instantânea de compartilhamento da informação em tempo real.

Ferrari (2017, p. 410) assevera que,

Em primeiro lugar, nota-se a ampliação das formas de conexão entre indivíduos e, entre indivíduos e grupos. Esse aspecto proporciona a horizontalidade da comunicação e, portanto, a ruptura com o aspecto característico dos meios de comunicação tradicionais que se

organizavam a partir da relação entre um emissor e muitos receptores. Nesse sentido, a internet proporciona, em primeiro lugar, a multiplicidade e heterogeneidade das conexões. Cada ponto da rede pode realizar conexões infinitas com múltiplos pontos descentralizados, um rizoma geolocalizável de ocupação de espaços, que estão em constante movimento, pois vivemos um presente “tagueado”, ou seja, um tempo que pode ser resgatado a qualquer minuto por bancos de dados, mas que não se torna desejado, pois a presentificação se impõe sobre a memória [...].

Todavia a fragilidade em meio todo esse caos informacional advindo das novas tecnologias vem fomentar o compartilhamento de informações com enorme potencial de circulação, por pessoas diferentes, indivíduos, intenções de conhecimento dividindo o mesmo ambiente.

Davenport e Prusak (1998) definem compartilhamento como o ato voluntário de colocar o conhecimento à disposição de outros. Para os autores,

[...] compartilhar não deve ser confundido com relatar, uma troca informal de informações de maneira rotineira ou estruturada. A palavra compartilhamento implica vontade daquele que compartilha pode passar a informação adiante, mas não é obrigado a fazê-lo (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p. 115).

De acordo com Miranda e Simeão (2003), na Sociedade da Informação e no Brasil do futuro, o indivíduo torna-se o motivo pelo qual conteúdos são produzidos na Internet. Além de receptor da informação, o indivíduo atua também como agente informacional, “livre de escolher o conteúdo, interagir com ele, independentemente do espaço e do tempo em que se localizam o usuário e os conteúdos” (MIRANDA; SIMEÃO, 2003, p. 76).

Em nosso tempo, tanto nós podemos produzir quanto receber informação, e com a internet, as pessoas podem criar a informação e a colocar em tempo real em relatos, vídeos e fotos. A informação se tornou um fenômeno social importante e uma fonte crítica de poder, ela gera conhecimento e ajuda a construir uma opinião sobre determinado assunto, que aprimora o debate público, tanto para o bem quanto para o mal.

2.3 AS FAKE NEWS E A ERA DA PÓS VERDADE

Os boatos sempre existiram, antes mesmo de existir a escrita, o “ouvi dizer” era um dos veículos de comunicação mais usados (comunicação oral), é uma prática que pode existir em qualquer grupo ou classe social. Basta fazermos uma analogia a brincadeira do telefone sem fio, na qual uma mensagem passa de boca em boca, sempre haverá algo contado de forma distorcida do que venha a ser verdade. A atualização desse termo é recente o conceito desse tipo de conteúdo falso vem de séculos passados e não há uma data oficial de origem, a palavra “fake” também é relativamente nova no vocabulário nesse ambiente (CAMPOS, 2020).

A criação e evolução das TDIC's, sem dúvidas, diminuíram distâncias, quebraram fronteiras e ampliaram a comunicação, quer seja na produção de informação, quer seja em seu compartilhamento.

No entanto, há um contraponto, a facilidade de acesso e compartilhamento em noticiar a informação traz consigo os dois lados, benefícios e os malefícios, ocasionado pelas redes de compartilhamento e de troca de informação no ambiente online.

Por se tratar de um campo que ocorrem ações coletivas, no qual sofre processos de inovações constantemente, facilitando divulgação de conteúdos feito sem responsabilidade, causando uma grande explosão de informações falsas, com enorme potencial de circulação ocasionando a banalização da verdade.

Apesar da discussão a respeito da propagação de notícias/informações falsas ganharem destaques apenas nos últimos tempos, principalmente quando observado o contexto digital, a prática é antiga e sempre esteve presente ao longo de toda a história, mudando apenas sua nomenclatura, o canal de compartilhamento utilizado e o potencial de disseminação que as fake news ganharam com o tempo (CAMPOS, 2020).

A expressão, traduzida do inglês “fake news” como “notícias falsas”, consistem em notícias que parecem ser verdadeiras, que em algum momento poderiam ser verdade ou que são (re)contextualizadas para tentar se mostrar confiáveis e, no entanto, não são verdadeiras.

Neste sentido, é importante ter cuidado com as notícias falsas, que não são apenas aquelas de cunho irônico, que têm o intuito de serem engraçadas e provocar quem as lê. Muitas vezes há um contraponto, o acesso e urgência em noticiar a informação trazem consigo os dois lados, benefícios e os malefícios, ocasionado

pelas redes de compartilhamento e de troca de informação no ambiente online por tratar-se de meios de grande alcance.

As notícias falsas atualmente buscam disseminar boatos e inverdades com informações inverídicas sobre pessoas, partidos políticos, países, políticas públicas, entre outros. Elas não vão aparentar serem falsas, ainda mais se nós acreditamos que elas podem ser verdadeiras, e não são. Marteletto (2001, p.72), a respeito das redes sociais em que ocorre o compartilhamento de informações, afirma que consiste em "[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados".

Observa-se que por se tratar de um campo em que ocorrem ações coletivas, vem sofrendo processos de inovações constantemente, facilitando a divulgação de conteúdos de forma irresponsável, causando uma grande explosão de informações falsas, com enorme potencial de circulação, ocasionando a banalização da verdade. Sousa (2017, p. 2398), afirma que

A complexidade envolvida na relação do usuário com as notícias falsas e boatos disseminados nas redes sociais, em função da ausência ou diluição da autoria dos textos requer que a mediação não atue apenas como uma interferência empenhada em esclarecer os fatos, mas também para o desenvolvimento de habilidade nos usuários que possibilite uma análise crítica da informação recebida e compartilhada.

As *fake news* dizem respeito, principalmente, a interesses políticos e ideológicos, cujos representantes promovem e disseminam de forma viral a informação que de algum modo possa beneficiar os seus interesses. Segundo Campos (2020), o termo popularizou-se mundialmente em meados de 2016, durante a corrida presidencial dos Estados Unidos em que circularam conteúdos falsos sobre a candidata Hillary Clinton. Com isso, percebe-se o favorecimento da propagação de notícias falsas e, conseqüentemente, o aumento da desinformação.

Para Pinheiro e Brito (2014, p. 4) o termo desinformação

[...] é empregado para definir a ausência de informação e o ruído informacional, ao mesmo tempo em que faz às vezes de dar sentido a informação manipulada para as amplas massas com o papel de manter sua alienação. Mas também é aplicado, sobretudo na ciência

da informação norte americana, para definir a informação manipulada com o propósito de enganar alguém, especialmente um adversário.

Com a Internet, foram criadas as condições tecnológicas para o surgimento de uma sociedade em rede e, por sua vez, de uma prática de comunicação em rede, a qual proporcionou um espaço de expressão livre onde praticamente qualquer informação pode ser produzida, transmitida e recebida. Gradualmente observa-se um conjunto de práticas de compartilhamento baseadas na distorção mais ou menos voluntária das notícias voltadas à desinformação.

Francisco (2004, p. 6) interpreta a sociedade da desinformação da maneira seguinte,

Por mais que esteja armada por um poderoso arsenal de tecnologias de informação, uma sociedade que produz uma legião de analfabetos funcionais é uma sociedade da desinformação. Para que cumprissem as predições dos profetas da era virtual, as tecnologias da informação precisariam agregar valores éticos, educacionais, sociais, humanistas, culturais, artísticos e espirituais.

Entretanto o olhar para a questão das *fake news* enquanto problema remete para o exercício da cidadania e alerta para o perigo de se poder vir a limitar a liberdade de expressão dos indivíduos. Quantas informações falsas você já compartilhou nas redes sociais ou em grupos no WhatsApp?

Essa liberdade de expressão quando utilizada de forma equivocada tem graves consequências, nem sempre algo que é publicado por amigos é, necessariamente, verdade, muitas vezes passa adiante algo no qual não analisamos de onde veio, como a fonte da publicação, possível data, se faz necessário cada vez mais racionalidade ao ler as notícias.

Na maioria das vezes as notícias que ganham aumento em sua veracidade são por terem sido compartilhadas por amigos e conhecidos, nos quais os usuários tem maior confiança, as informações passadas adiante sem nenhum tipo de certeza de ser real e verdadeira ganha outra nomenclatura, passam a ser uma desinformação. Zattar (2017, p. 288) enfatiza que

Diversas são as práticas e documentos relacionados ao tema da desinformação no campo de estudos da informação. Exemplos disso são a Resolution on disinformation, media manipulation, and the destruction of public information (2005) e a Resolution on access to accurate information (2017), publicadas pela American Library Association, que apontam a necessidade de uma atitude da

comunidade biblioteconômica no sentido de promover o conhecimento de fontes de informação para o reconhecimento da desinformação.

A verdade está perdendo espaço e a sua importância, as pessoas não estão se utilizando por argumentos racionais e pelos fatos concretos, mas tomando decisões com base em suas emoções, sentimentos e suas visões de mundo. A divulgação de histórias falsas pode ter consequências reais, causar prejuízos, constrangimentos, injúria, difamação de pessoas, empresas e organizações, em casos mais graves e extremos originar ações violentas.

Quando os indivíduos utilizam e passam a contextualizar as *fake news*, especialmente num cenário social desafiado por uma opinião pública condicionada, por sua vez, pela emoção pública, já é tomada por características comunicacionais que enquadram o tema e o termo da pós-verdade, onde se tende a praticar e difundir o uso de argumentos de tipo político mais ligado à dimensão emocional do que à racional e fundamentada por argumentos para os quais as provas são geralmente ignoradas ou desvalorizadas.

A sociedade da desinformação, mencionada anteriormente, e a popularização em conjunto com os altos níveis de compartilhamento de fake News, associados a fatores emocionais e comportamentais sobrepostos aos valores de verdade, contribuem para o desenvolvimento de uma era da pós verdade. Nesta perspectiva, cabe uma pequena discussão a respeito do que consiste e quais as principais características dessa era.

De acordo com Corrêa e Custódio (2018, p. 3), o conceito de pós-verdade refere-se “aos eventos em que a opinião pública e os comportamentos são orientados mais pelos apelos emocionais, falaciosos ou subjetivos, afirmados pelas suas convicções pessoais, do que em fatos verídicos e atestados”.

A pós-verdade está intrinsecamente relacionada com o constante fluxo de informação diária, disseminada pelos *media*, por agentes políticos, empresas e pessoas ou grupos de pessoas na Internet e, em particular, nas redes sociais, no qual o potencial de viralização dos seus conteúdos pode reforçar o seu efeito de desinformação.

O termo “pós-verdade” (*post-truth*) foi eleito pela Universidade de Oxford como a palavra do ano de 2016. Para Castilho (2016), a sociedade atual está substituindo os fatos por indícios, percepções, convicções, vieses e distorções. O

termo pós verdade já se encontra incorporado ao vocabulário da mídia mundial, e é resultado, principalmente, pela quantidade de informação produzida e disseminada através das mídias sociais e TDIC's, a exemplo do WhatsApp, Facebook, Twitter e Instagram, entre outros.

Poderá discutir-se o problema das *fake news* numa perspectiva educacional e inclusivamente pré-tecnológica, a qual se prende com a falta de referências culturais por parte de um grupo de indivíduos que, quando confrontados com conteúdo informativo inverídico ou injustificado, não detêm a capacidade de distinguir, de forma eficiente, o que é verdade do que é mentira.

Nesta feita, destacam-se alguns sites e softwares que podem auxiliar na verificação da veracidade de informações que circulam nas mídias, ou mesmo o nível de distorção das mesmas. Essa prática de checagem é conhecida por seu termo em inglês *fact checking*, que compreende um método na qual é feita a verificação de confiabilidade de fontes apuradas em textos jornalísticos (ALVES, 2018).

Estudos vêm sendo feitos ao redor do mundo para o *fact-checking*, ou verificação de fato, no Brasil, tivemos na mesma época dos escândalos relacionados às eleições presidenciais de 2018, à criação da primeira agência de *fact-checking*, a Lupa. O trabalho desenvolvido baseia-se na checagem de notícias, verificando os níveis de veracidade, através do uso de informações públicas e fontes confiáveis. Como visto, a *fact-checking* é a forma mais viável de se combater o crescimento exponencial de informações que são despejadas de uma forma absurda no mundo digital (FERRARI, 2017).

O trabalho desenvolvido baseia-se na checagem de notícias, verificando os níveis de veracidade, através do uso de informações públicas e fontes confiáveis. Como visto, a *fact-checking* é a forma mais viável de se combater o crescimento exponencial de informações que são despejadas de uma forma absurda no mundo digital.

O *Facebook* e o *Google* já estão combatendo sites que propagam notícias falsas, impedindo que estas plataformas utilizem seus serviços de publicidade. As medidas das duas companhias surgiram após o *Facebook* ser acusado de influenciar no resultado das eleições dos Estados Unidos, e agora ocorreu a respeito da pandemia do coronavírus, naturalmente, a magnitude desse episódio está sendo acompanhada de muita desinformação e com um turbilhão de *fake news* surgindo

através principalmente da plataforma *WhatsApp*, que tomou a iniciativa de limitar, no dia sete de abril de 2020, a função de reencaminhar mensagens recebidas pelo aplicativo, de modo que, agora os usuários só podem redistribuir mensagens a uma conversa por vez. A medida foi tomada, segundo declaração da empresa, para restringir a desinformação em tempos de pandemia. Em entrevista cedida, a companhia afirma que observaram

[...] um aumento significativo na quantidade de encaminhamentos que os usuários disseram que podem contribuir para a disseminação de informações erradas. Acreditamos que é importante diminuir a propagação dessas mensagens para manter o *WhatsApp* um lugar para conversas pessoais. (FREY, 2020).

Ressalta-se, também sites com iniciativas como o “Fato ou Fake” (g1.globo.com/fato-ou-fake), vinculado ao jornal G1 da TV Globo; “Comprova” (projeto comprova.com.br); Agência Pública Truco (apublica.org); Aos Fatos (aosfatos.org); Fake Check (nilc-fakenews.herokuapp.com); Boatos (www.boatos.org); E-Farsas (www.e-farsas.com) para verificação e combate às fake news (ALVES, 2018).

A International Federation of Library Association (IFLA), em iniciativa para combater a disseminação de fake News, disponibilizou um informativo com os aspectos a serem analisados em informações recebidas a fim de identificar seu nível de veracidade, dentre eles, a verificação do site que hospeda a notícia, autor(es), data de publicação, conforme ilustra a Figura 2, logo abaixo.

Figura 2 – Como identificar as fake news



Fonte: IFLA (2020)

É valorizada a ideia, por parte de diversas instituições e organizações, de que a capacidade de distinguir a informação, sabendo procurar informação e verificar fatos, é a forma mais eficiente de, a médio e longo-prazo, combater a desinformação e a potencial manipulação. E é nessa perspectiva que o profissional Bibliotecário vem agregar, demonstrando suas habilidades de forma eficiente na distinção do que é real ou *fake*, instruindo ao uso de fontes confiáveis e da reflexão crítica sobre as informações.

2.4 O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENFRENTAMENTO ÀS FAKE NEWS

Conforme discutiu-se anteriormente, é inegável que a tecnologia, aliada ao advento da internet, tem modificado o *modus operandi* de inúmeras instâncias sociais, como empresas, escolas, bibliotecas, entre outras. Além disso, a facilidade de produção e compartilhamento de informação na web contribui para a movimentação constante de conteúdo. Com isso, nos deparamos em um cenário na qual os indivíduos conseguem ter acesso a dados, notícias e informações em geral, a nível global e em tempo real.

Por outro lado, a facilidade de acesso e compartilhamento de informações pode dificultar na busca de uma informação precisa e/ou verídica. Em tempos de

“ansiedade de informação” (WURMAN, 1991), os indivíduos encontram-se ávidos por notícias ou dados, e essa avidez pode levar ao desenvolvimento de uma ansiedade capaz de fazê-los esquecer ou refletir menos a respeito da veracidade daquilo que leem e/ou compartilham, contribuindo para a disseminação de fake news.

Segundo o autor supracitado, essa ansiedade pode advir tanto do excesso quanto da falta de informação. Quando isso ocorre “há a superestimulação que pode resultar na ansiedade de informação, quando não há tempo de fazer transições de uma ideia a outra, dificultando o aprendizado e as ‘paradas intermediárias’ que auxiliam na compreensão de uma ideia” (SOUZA; VITORINO, 2018, p. 2059).

É nesta feita que se destaca o profissional bibliotecário e seu papel primordial em processos de seleção, tratamento, organização e disseminação de materiais informacionais. Ressalta-se, ainda, que o bibliotecário desempenha funções que variam de acordo com as necessidades do usuário, bem como as nuances e dinâmica social, conforme ressalta Ortega y Gasset (2006, p. 16)

Para determinar a missão do bibliotecário, é preciso partir não do homem que a exerce, de seus gostos, curiosidades ou conveniências, tampouco de um ideal abstrato que pretendesse definir de uma vez por todas o que é uma biblioteca, mas da necessidade social a que serve vossa profissão. E esta necessidade, como tudo que é propriamente humano, não consiste em uma magnitude fixa, mas é, essencialmente variável, migratória, evolutiva; em suma, histórica.

Dudziak (2001) apresenta o bibliotecário como o mediador da informação, dotado de alguns atributos profissionais, tais como: uma alta capacidade técnica, para executar os processos inerentes a sua profissão; conhecimento profundo dos recursos informacionais, como as estratégias de busca e fontes de informação; atitude analítica, em exercício contínuo de reflexão; habilidade de construir bases de dados, a fim de criar ambientes online, na qual os usuários podem ter acesso a materiais de informação e, por fim; conhecimento da cultura da empresa, ou do público a quem serve, identificando com clareza as suas necessidades a fim de atendê-las proficuamente.

No cenário atual, é primordial o controle de gerenciamento de fluxo da informação, conhecer e aplicar estratégias de busca que refinem os resultados, além de familiarizar-se e utilizar fontes de informação confiáveis. O profissional

bibliotecário, por sua vez, é habilitado para instruir qual(is) a(a) melhor(es) fonte(s) de informação, tendo em mente que nem todas as pessoas possuem habilidade de busca e seleção e, por vezes, podem acabar se perdendo em meio ao grande fluxo disponível na web, conforme afirmam Corrêa e Custódio (2018, p. 208)

[...] nem todas as pessoas possuem habilidades específicas para tal e, assim, muitas perdem-se no emaranhado da informação enfurecida. Nesse aspecto a missão do bibliotecário assume ainda maior relevância social uma vez que seus conhecimentos profissionais lhe permitem navegar pela internet de maneira melhor orientada podendo assim oferecer serviços de informação personalizados. Em outras palavras, parece possível tratar-se ainda de uma solução técnica que tem íntima relação com a missão do bibliotecário nos dias atuais: organizar a informação de acordo com objetivos e públicos específicos.

Para isso, é preciso que o bibliotecário desenvolva/possua competências e habilidades de uso de ferramentas digitais, além daquelas mencionadas por Dudziak (2001), dado que o compartilhamento ocorre em níveis maiores em ambiente online; exercendo sua função em processos como, por exemplo, o de curadoria digital garantindo a “seleção, avaliação e acesso à produção artística e intelectual através da preservação a longo prazo e envolve procedimentos familiares ao bibliotecário em suas atividades de gestão de estoques informacionais” (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018, p. 209).

Além destas ações, é possível, também, instruir ao pensamento, uso e compartilhamento crítico e consciente, quando do recebimento de dados e/ou informações através de canais virtuais. Nesta seara, o bibliotecário deixa de ser apenas um mediador da informação, assumindo também um caráter pedagógico. Segundo determina a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) (BRASIL, 2014) publicada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o bibliotecário é responsável por desenvolver, dentre outras atividades, ações educativas.

Grogan (1995) e Accart (2012) também ressaltam o perfil do bibliotecário educador, destacando o momento em que esse profissional assume o serviço de referência, estabelecendo um contato mais próximo com o usuário, instruindo ao uso de recursos, fontes, ferramentas e serviços. Para Dudziak (2001), essa orientação ocorre quando o bibliotecário convence o usuário de sua própria competência, instigando uma autoconfiança e conhecimentos necessários para que se torne autônomo na seleção e identificação de informações úteis/verídicas, por exemplo,

habilidades essas que constituem o desenvolvimento de uma competência em informação.

2.4.1 Competência Informacional

A informação passou a ser um dos produtos mais valorizados atualmente, sendo produzida e disseminada em larga escala. Manter-se atualizado tornou-se, portanto, imprescindível para permanecermos sintonizados ao que ocorre no mundo. Contudo, na medida em que os recursos tecnológicos ampliaram a troca de informações e sua disponibilização, na maioria das vezes caótica – em especial através de canais virtuais – percebe-se o surgimento de algumas barreiras que dizem respeito ao acesso, a exemplo do número ilimitado de fontes, falta de familiaridade com mecanismos de refinamento de busca (filtragem, organização, operadores), bem como barreiras relacionadas a apropriação da informação. É neste cenário que a competência em informação se torna um dos objetivos dos bibliotecários, compreendida como um processo de aprendizagem contínua em que a informação está associada ao conhecimento e inteligência, envolvendo o uso, interpretação e busca (DUDZIAK, 2003).

Diante do exposto o bibliotecário, ao realizar ações educativas voltadas para a orientação de uma competência informacional, tem o objetivo de “formar as pessoas para o uso eficiente da informação que envolve: a identificação da necessidade informacional, o conhecimento das fontes, a pesquisa, a recuperação e o uso da informação.” (ORELO; CUNHA, 2013, p. 28).

Belluzzo (2018, p. 34) afirma que “ser competente [neste sentido] não é realizar uma mera assimilação de conhecimentos suplementares, gerais ou locais, mas sim compreender a construção de esquemas que permitem mobilizar conhecimentos na situação certa e com discernimento”.

Segundo Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2008, p. 95) *apud* Corrêa e Custódio (2018, p. 13, grifo nosso)

[...] o termo “alfabetização informacional” significa o conjunto de competências que uma pessoa possui para identificar a informação, manipular fontes de informação, elaborar estratégias de busca e localizar a informação, bem como avaliar as fontes de informação. A **competência em informação**, considerada como um processo que tem por finalidade desenvolver competências e habilidades informacionais para aprimorar o pensamento crítico e analítico das

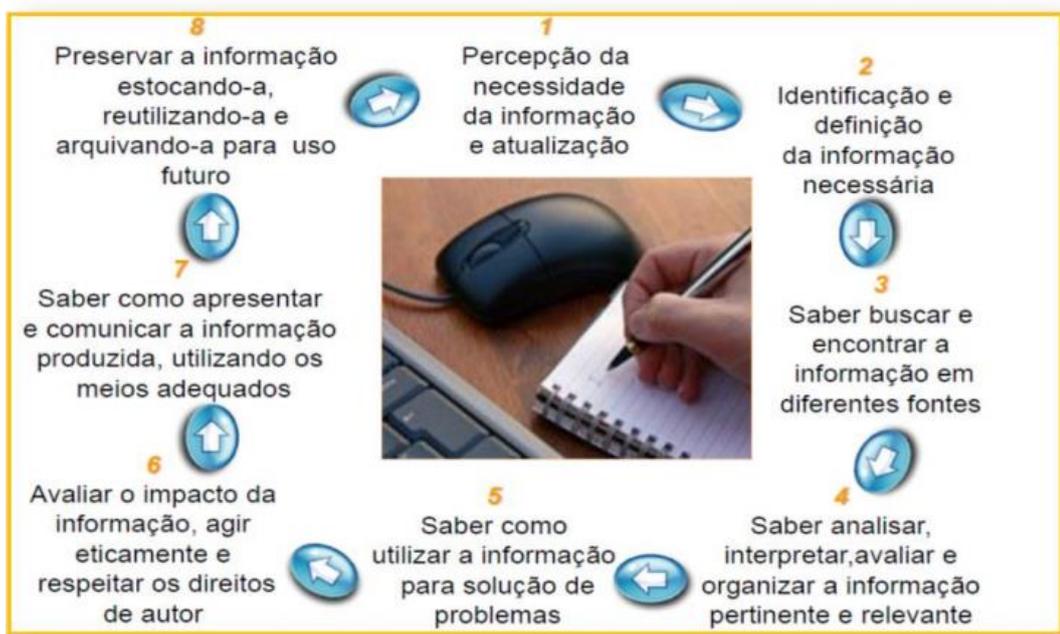
pessoas em relação ao universo informacional, pode ser implementada e desenvolvida em bibliotecas por meio de programas com o apoio de mediadores bibliotecários e professores. Por ser um processo que envolve o desenvolvimento e aprimoramento de atitudes relativas à busca, recuperação, avaliação e disseminação da informação, a mediação da informação é inerente à competência em informação, já que é uma ação de interferência.

Com isso em mente, e dada as transformações tecnológicas pelas quais a sociedade perpassa, Corrêa e Custódio (2018 p. 15-16) afirmam que

[...] a missão do bibliotecário nos dias de hoje, disposto de um leque infinito de interagentes com acesso aos mais diversificados conteúdos online deve ser repensada em torno de uma nova configuração de competências direcionadas a esta realidade, caracterizada por um contexto político, econômico, social e cultural específicos da era da pós-verdade e que possam prover às comunidades respostas às suas demandas informacionais. [...] O bibliotecário facilita a formação de cidadãos autônomos para a busca e acesso à informação e, o mais importante, conscientes e críticos para sua utilização visando não somente o proveito próprio, mas também o bem comum. Bibliotecários influenciam na maneira como as pessoas consomem o conhecimento e constroem novo saberes, e, por isso, precisam estar munidos de ferramentas úteis contra notícias falsas. Devem, assim, aprender a aprender para, posteriormente, multiplicar esse conhecimento e transformar cada interagente de sua comunidade em um novo multiplicador.

Belluzzo (2018) traz, ainda, uma esquematização, baseada em Dudziak (2001), do processo e instâncias em que ocorre o desenvolvimento de uma competência informacional, conforme ilustra Figura 3.

Figura 3 – Ciclo da competência informacional



Fonte: Belluzzo (2018) adaptado de Dudziak (2001)

Escrever um parágrafo sobre como ocorre o ciclo, se baseia na imagem acima e fala com tuas palavras, ao final tu deixa a indicação (BELLUZZO, 2018).

É salutar, portanto, a complexidade que cerceia o ciclo da competência informacional e o papel de que desempenha na formação de leitores e indivíduos críticos sobre as informações que os rodeia. É também a partir dela que as pessoas podem identificar com maior clareza suas necessidades de informação, bem como as fontes que podem consultar, definem critérios de seleção e exclusão, compreendem as facetas do mundo na era da informação, planejam e aplicam estratégias de busca, bem como redefinem as estratégias de ação, esta competência, por sua vez, tem a figura do profissional bibliotecário como um de seus facilitadores (mediadores).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desvela-se sobre os procedimentos metodológicos adotados na construção desta pesquisa, apresentando-a quanto a sua tipologia, o campo em que fora desenvolvida, os sujeitos envolvidos, os instrumentos utilizados para coleta dos dados, as etapas e esclarecimentos quanto a análise dos resultados obtidos.

Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva, uma vez que, pretende o esclarecimento de uma ideia, partindo do levantamento de opiniões e atitudes de uma população específica (GIL, 2012). Quanto a abordagem, caracteriza-se enquanto pesquisa quantiquantitativa, tendo em vista que apresenta dados numéricos e percentuais, ao mesmo tempo em que apresenta as opiniões dos sujeitos.

Os sujeitos da pesquisa, universo, ou população são o “conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p.112). Assim, delimitou-se, os discentes concluintes do curso de Biblioteconomia alocado no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da UFPB, no período letivo 2019.2, total de 13 alunos, a fim de verificar qual seu comportamento ao receber/compartilhar informações através das mídias sociais.

Para tanto, fez-se necessário a elaboração de um questionário, utilizado como um instrumento de pesquisa. Segundo Baptista e Campos (2015) os instrumentos utilizados na pesquisa têm a finalidade de coletar e reunir os dados, de forma que contribuam para a visualização, compreensão e explicação de fatos ou fenômenos.

O questionário buscava identificar se os sujeitos costumam receber e compartilhar notícias através das mídias sociais, se já haviam recebido ou enviado alguma fake news, se costumam verificar as fontes das informações recebidas antes de compartilhar, e os aspectos que analisam ao verificar a veracidade de notícias. Todos os alunos que compõem a turma selecionada responderam ao questionário, obtendo, portanto, 100% de retorno dos sujeitos da pesquisa.

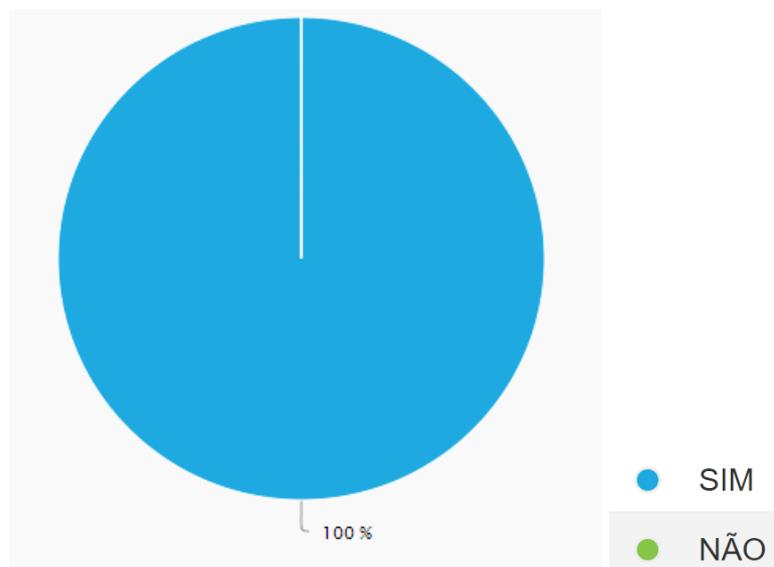
A priori, buscou-se a delimitação do tema, bem como a definição dos objetivos (geral e específicos), os sujeitos que compõem a pesquisa, escolha dos métodos adotados para construção da pesquisa e coleta de dados, além dos instrumentos necessários (questionário). Em seguida, o instrumento de coleta fora

aplicado, disponibilizado através de plataforma online (Survio), através do link (<https://www.survio.com/survey/d/I9A6X0U7X2L0J2E1H?preview=1>). As respostas obtidas foram organizadas em gráficos e quadros preservando a identidade dos sujeitos, e sua análise deu-se a partir de inferência crítica à luz da fundamentação teórica utilizada. Os resultados são apresentados na seção a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seção apresenta os dados obtidos a partir da aplicação do questionário representados em quadros e gráficos, a fim de facilitar a visualização.

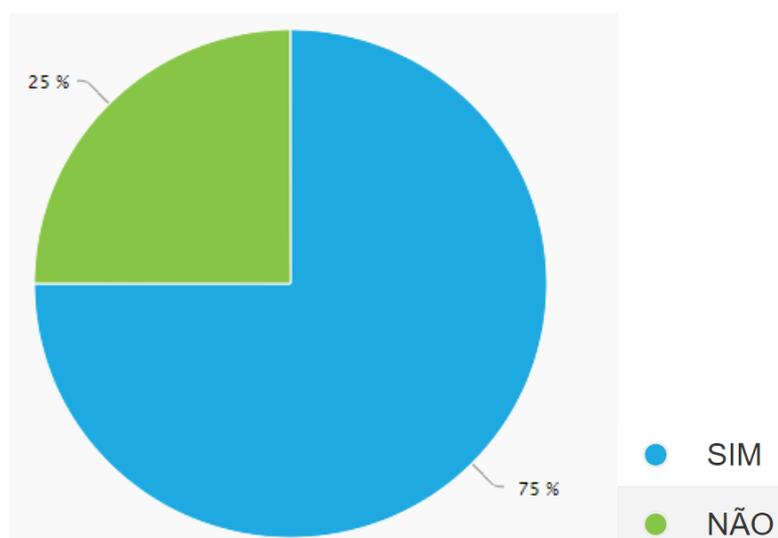
Gráfico 1 – Costuma receber informações via mídias sociais



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A seção apresenta os dados obtidos a partir da aplicação do questionário representados em quadros e gráficos, a fim de facilitar a visualização.

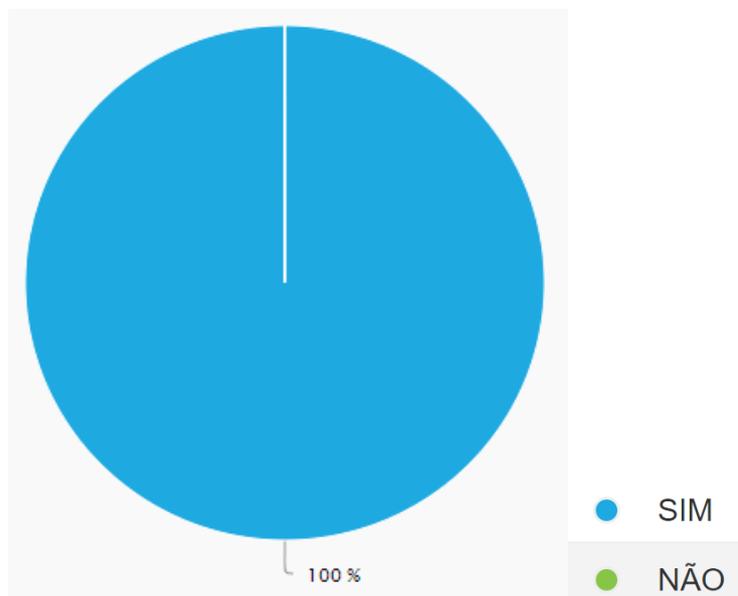
Gráfico 2 – Costuma compartilhar informações via mídias sociais



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A seção apresenta os dados obtidos a partir da aplicação do questionário representados em quadros e gráficos, a fim de facilitar a visualização.

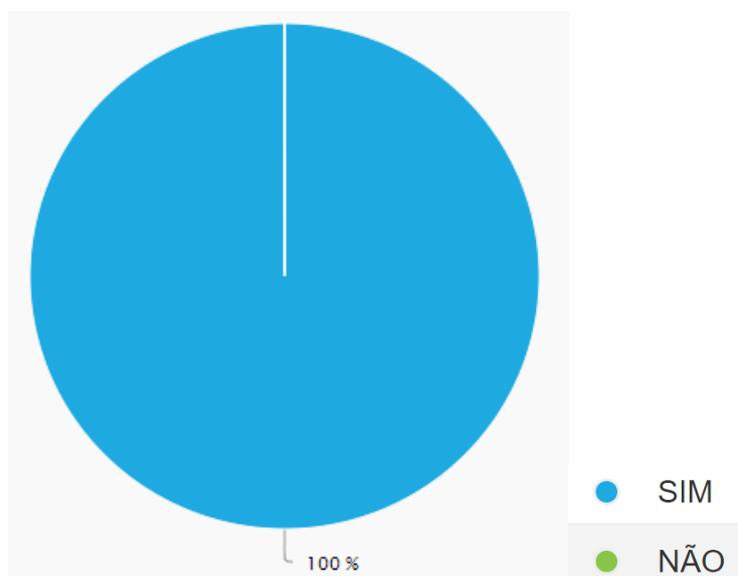
Gráfico 3 – Já ouviu falar sobre fake news



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A seção apresenta os dados obtidos a partir da aplicação do questionário representados em quadros e gráficos, a fim de facilitar a visualização.

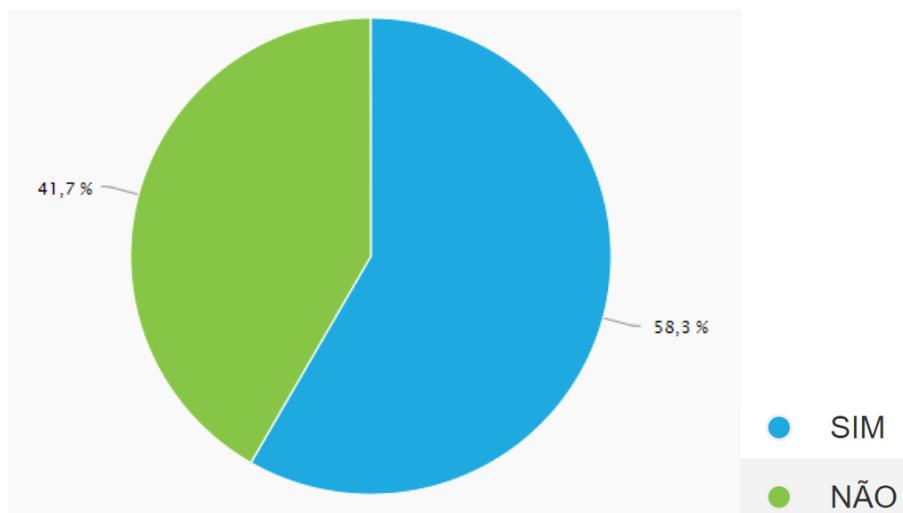
Gráfico 4 – Já recebeu fake news



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A seção apresenta os dados obtidos a partir da aplicação do questionário representados em quadros e gráficos, a fim de facilitar a visualização.

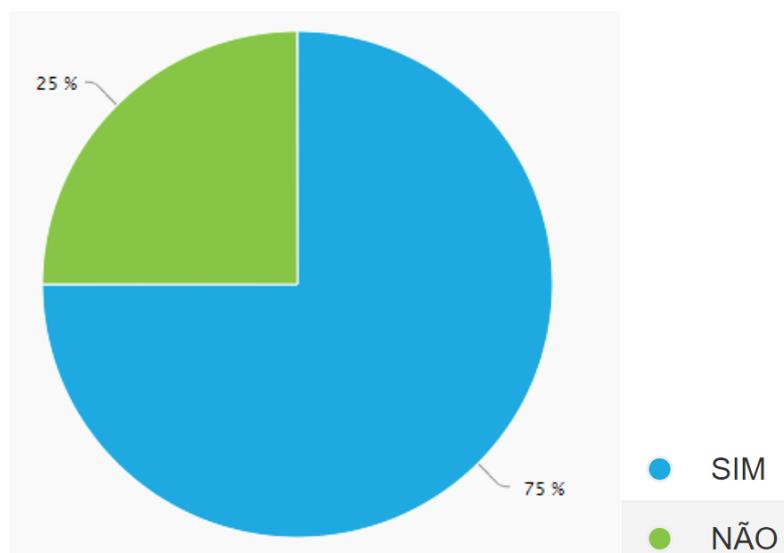
Gráfico 5 – Já compartilhou uma informação falsa



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A seção apresenta os dados obtidos a partir da aplicação do questionário representados em quadros e gráficos, a fim de facilitar a visualização.

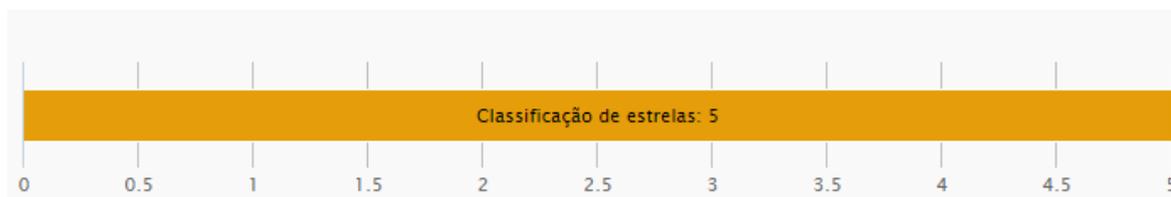
Gráfico 6 – Costuma verificar as fontes antes de compartilhar



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A seção apresenta os dados obtidos a partir da aplicação do questionário representados em quadros e gráficos, a fim de facilitar a visualização.

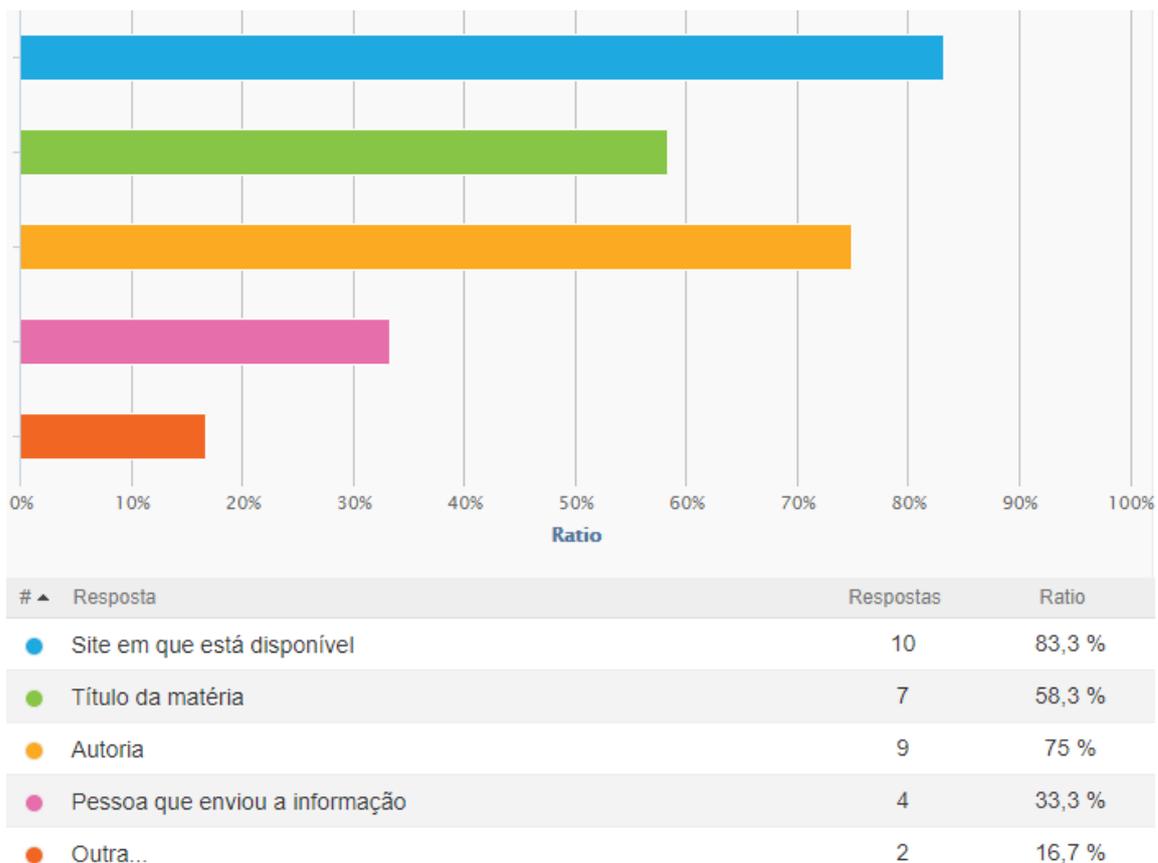
Gráfico 7 – Atribuição de importância em verificar a fonte antes de compartilhar



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A seção apresenta os dados obtidos a partir da aplicação do questionário representados em quadros e gráficos, a fim de facilitar a visualização.

Gráfico 8 – Aspectos observados para verificar a veracidade da informação



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que a desinformação está enquadrada no evento da desordem informacional, TDIC's, a pós-verdade e fake news. Também estão imputadas no viés social, as redes e mídias sociais, pois são os maiores meios que disseminam informações falsas. A criação e evolução das TDIC's, sem dúvidas, diminuíram distâncias, quebraram fronteiras e ampliaram a comunicação, quer seja na produção de informação, quer seja em seu compartilhamento.

No entanto, há um contraponto, a facilidade de acesso e compartilhamento em noticiar a informação traz consigo os dois lados, benefícios e os malefícios, ocasionado pelas redes de compartilhamento e de troca de informação no ambiente online. Baseado nessas informações este trabalho teve pergunta norteadora, sendo ela: Como os alunos concluintes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, no período 2019.2 compartilham informações na era das Fake News?

Objetivo Geral: Investigar o comportamento dos alunos concluintes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, no período 2019.2, ao compartilhar informações na era das fake News, através das mídias sociais. Objetivos Específicos: **a)** Caracterizar o cenário de compartilhamento de fake News; **b)** Identificar como ocorre o compartilhamento de informações realizado pelos alunos concluintes do curso de Biblioteconomia, período letivo 2019.2, da Universidade Federal da Paraíba.

Para tanto, foi utilizada, como metodologia, um estudo de caso de abordagem qualitativa, sendo uma pesquisa básica, aplicada e exploratória. O instrumento de coleta de dados e análise foi através de questionário on-line com os concluintes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, no período 2019.2. Constatou-se que neste presente trabalho os resultados obtidos, foram que os alunos concluintes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, no período 2019.2 respondentes são suscetíveis a disseminação de desinformações, e percebe-se ainda ser um desafio constante estabelecer a

checagem dos fatos diante do grande acúmulo de informações propagadas nas mídias sociais digitais constantemente.

Conclui-se que os futuros bibliotecários podem utilizar sua competência informacional para ajudar a evitar o compartilhamento de informações incorretas, orientando os usuários mesmo em dias atuais que impressiona a quantidade de informações disponíveis em ambiente online e nos meios de comunicação, trazendo consigo, em plena era digital a explosão informacional, é no meio desse turbilhão de informações que o profissional bibliotecário da atualidade deve atuar, auxiliando e capacitando seus usuários para a busca por informações fidedignas, na tentativa de colaborar para coibir a proliferação de fake news e de opiniões emitidas com base.

Além destas ações, é possível, também, instruir ao pensamento, uso compartilhamento crítico e consciente, quando do recebimento de dados e/ou informações através de canais virtuais. Nesta seara, o bibliotecário deixa de ser apenas um mediador da informação, assumindo também um caráter pedagógico amenizando com algumas medidas que são através de implementos de ações de divulgação em rede e mídias sociais de modo a perfazer à consciência do transtorno que pode causar uma fake news.

Para tanto, espera-se que os resultados obtidos, doravante deste trabalho, possam ser utilizados como continuação ou início de outros, haja vista que os bibliotecários são indispensáveis no âmbito da informação. De fato, a evolução tecnológica a qual os usuários estão submetidos implica na alteração de seu comportamento informacional e isso acaba interferindo, também, no papel do bibliotecário que deve estar em constante aprendizado para conseguir acompanhar as mudanças da sociedade e atuar como mediador da informação. Desse modo, é imprescindível que os futuros bibliotecários saibam diferenciar os conceitos base de fake news, pós-verdade e desinformação para que possam combatê-los durante a busca pela informação.

REFERÊNCIAS

ACCART, Jean-Philippe. **Serviço de referência: do presencial ao virtual**. Brasília: Briquet de Lemos, 2012.

ALVES, Paulo. **Como identificar fakenews?** Oito sites para checar se notícia é verdadeira. São Paulo: Techtudo, 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/10/como-identificar-fake-news-oito-sites-para-chechar-se-noticia-e-verdadeira.ghtml>. Acesso em: 11 abr. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O conceito de informação na Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.20, n.3, p. 95-105, set./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/6951>. Acesso em: 04 abr. 2020.

ARAUJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. **Sistemas de recuperação da informação: nova abordagem teórico-conceitual**. 1994. Tese (Doutorado Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/610>. Acesso em: 04 abr. 2020.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Signo, sinal, informação: as relações de construção e transferência de significados. **Informação & Sociedade: estudos**, v. 12, n. 2, p. 1-13, 2002. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000001461/91b81ef7500b428b94c8f14e04007499/>. Acesso em: 04 abr. 2020.

BAPTISTA, Makilim Nunes; CAMPOS, Dinael Corrêa de. **Metodologia de Pesquisa em Ciências: análises quantitativa e qualitativa**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competência em informação: cenários e espectros. **Memória e Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 29-50, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://labirintodosaber.com.br/wp-content/uploads/2018/11/coinfo-regina-belluzzo-casa-de-rui-barbosa-2017.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Brasília: MTE, 2014. Disponível em: <https://biblioteconomia.fic.ufg.br/p/3911-classificacao-brasileira-de-ocupacoes-cbo>. Acesso em: 11 fev. 2020.

BRISOLA, Anna Cristina; ROMEIRO, Nathália Lima. **A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 14, n. 3, set./dez., 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/1054/1054>. Acesso em: 04 abr. 2020.

BROOKES, Bertram C. The foundations of information science. **Journal of Information Science**, [S.l.], n. 2, p. 125-133, 1980. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1177/016555158000200302>. Acesso em: 04 abr. 2020.

CAMPOS, Lorraine Vilela. **O que são Fake News?**. [S.l.]: Brasil Escola, 2020.

Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em: 11 abr. 2020.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/11.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2020.

CASTILHO, Carlos. **Apertem os cintos**: estamos entrando na era da pós-verdade. [S.l.]: Observatório da Imprensa, 2016. Disponível em:

<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/apertem-oscintos-estamosentrando-na-era-da-pos-verdade/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; CUSTÓDIO, Marcela Gaspar. Informação enfurecida e a missão do bibliotecário em tempos de pós verdade: uma releitura com base em Ortega y Gasset. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, maio/ago. 2018. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/777>. Acesso em: 06 abr. 2020.

DAVENPORT, Thomas Hayes; PRUSAK, Laurence. **Working Knowledge**: How Organizations Manage What They Know. Harvard Business School Press: Boston, 1998.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) –

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/publico/Dudziak2.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information Literacy: princípios, filosofia e práticas.

Ciência da Informação, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016/1071>. Acesso em: 04 abr. 2020.

FERRARI, Polyanna. No tempo das telas: como a presentificação alterou o consumo de informação. **Razón y Palabra**, San Francisco de Quito, v. 21, n. 2, p. 406-422, abr./jun. 2017. Disponível em:

<https://archivos.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1001>. Acesso em: 04 abr. 2020.

FRANCISCO, Severino. **Sociedade da desinformação**. Brasília: Unesco, 2004.

Disponível: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000154058>. Acesso em: 11 abr. 2020.

FREY, João. **WhatsApp limita envio de mensagens para combater fake news sobre coronavírus**. São Paulo: Congresso em foco, 2020. Disponível em:

<https://congressoemfoco.uol.com.br/midia/whatsapp-limita-envio-de-mensagens-para-combater-fake-news-sobre-coronavirus/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GROGAN, Denis. **A prática do serviço de referência**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995. cap. 1.

IFLA. **Como identificar notícias falsas**. [S.l.]: IFLA, 2020. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Como_identificar_not%C3%ADcias_falsas_\(How_To_Spot_Fake_News\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Como_identificar_not%C3%ADcias_falsas_(How_To_Spot_Fake_News).jpg). Acesso em: 11 abr. 2020.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. O currículo da Ciência da Informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 17, n.1, p. 01-05, jan./jun. 1989. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/17682>. Acesso em: 04 abr. 2020.

LE COADIC, Yves François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LARANGEIRA, Álvaro Nunes; CARDOSO, Moisés; KUMM, Alexandre Artur. Interações temporais na era da convergência: perspectivas das Gerações Y e Z nas redes sociais digitais. **ECCOM**, [S.l.], v. 7, n. 14, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/487>. Acesso em: 04 abr. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MESSIAS, Lucilene Cordeiro da Silva. **Informação**: um estudo exploratório do conceito em periódicos científicos brasileiros da área de Ciência da Informação. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/messias_lcs_me_mar.pdf. Acesso em: 11 abr. 2020.

MIRANDA, Antônio; SIMEÃO, Elmira. Os conteúdos e a Sociedade da Informação no Brasil. In: MIRANDA, Antônio (org.). **Ciência da Informação**: teoria e metodologia de uma área em expansão. Brasília: Thesaurus, 2003. cap. 4.

ORELO, Eliane Rodrigues Mota; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. O bibliotecário e a competência informacional. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 25-32, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/12892/9682>. Acesso em: 07 fev. 2020.

ORTEGA Y GASSET, José. Missão do bibliotecário. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PACHECO, Leila Maria Serafim. Informação enquanto artefato. **Informare**:

Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-24, 1995. Disponível em:

<https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000003099>. Acesso em: 04 abr. 2020.

PINHEIRO, Marta Macedo Kerr, BRITO, Vladimir de Paula. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero**, v. 15, n.6, dez. 2014. Disponível em:

<https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000016135>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. **The mathematical theory of communication**. Urbana-Champaign: University of Illinois Press, 1962.

SILVA, Silvana Souza da; TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. O bibliotecário e as fake News: análise da percepção dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 58-82, jul./dez. 2019. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/41558/99911>. Acesso em: 04 abr. 2020.

SOUSA, Amanda Moura de. O papel do bibliotecário como mediador da informação na era da pós-verdade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S.l.], v. 13, n. esp., p. 2390-2402, 2017. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/956>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SOUZA, Marcela Reinhardt de; VITORINO, Elizete Vieira. Competência em informação e ansiedade de informação: um estudo bibliográfico. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19, Londrina, 2018.

Anais [...]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. Disponível em:

<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/102191>. Acesso em: 06 abr. 2020.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação**: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura, 1991.

ZATTAR, Marianna. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 285-293, nov. 2017. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/liinc/article/download/4075/3385>. Acesso em: 11 abr. 2020.

APÊNDICE A – Questionário aplicado

Prezado (a) participante, o presente questionário faz parte da monografia com o título supracitado, de minha autoria (Luciana Castro Cavalcanti) sob orientação da professora doutora Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento. Tem o objetivo de identificar o comportamento dos alunos concluintes em Biblioteconomia da UFPB (período letivo 2019.2) ao compartilhar informação através das mídias sociais, observando a era das fakes news. Sua participação é de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa. Cabe ressaltar que, ao responder, autoriza o uso dos dados obtidos na análise do trabalho. Será preservada a identidade dos respondentes.

1. Você costuma *receber* informações/notícias através das mídias sociais (whatsapp, instagram, twitter e facebook)?

() SIM

() NÃO

2. Você costuma *compartilhar* informações/notícias através das mídias sociais (whatsapp, instagram, twitter e facebook)?

() SIM

() NÃO

3. Já ouviu falar em fake News e sabe do que se trata?

() SIM

() NÃO

4. As Fake News constituem informações falsas que são compartilhadas como verdadeiras. Você já recebeu alguma notícia falsa?

() SIM

() NÃO

5. Já enviou alguma notícia que mostrou- se falsa posteriormente?

() SIM

() NÃO

6. Você costuma verificar as fontes de informação antes de compartilhar notícias?

() SIM

() NÃO

7. Atribua o grau de importância em verificar a procedência de informações antes de compartilhar no combate à disseminação de fake News? Considere 1 muito baixo e 5 muito alto.

1 2 3 4 5
○ ○ ○ ○ ○

8. Que tipo de características você observa ao receber/compartilhar uma notícia através das mídias sociais para verificar sua veracidade? É possível assinalar mais de uma alternativa.

- Site em que está disponível
- Título da matéria
- Autoria
- Pessoa que enviou a informação
- Outra: _____.